



ECONOMIA

OS EFEITOS ECONÔMICOS DO CORONAVÍRUS SE AGRAVAM AO REDOR DO TODO O MUNDO, E, SE NÃO BASTASSE ISTO, A CRISE POLÍTICA NO BRASIL PIOROU ESTE CENÁRIO, MARCANDO

ABRIL DE 2020

SOBRE O MÊS

Em abril de 2020, o cenário macroeconômico continua pautado exclusivamente na crise global causada pelo novo coronavírus. No mundo é isto, no Brasil, todavia, observamos algo a mais, a crise política envolvendo Bolsonaro e Moro, aumentando ainda mais a incerteza dos investidores, o que culminou em uma forte volatilidade nos ativos financeiros.

No mundo, após todo o pânico observado em março de 2020, os mercados se acalmaram após os anúncios de gigantescos pacotes econômicos para salvar a economia. Vale ressaltar, que em momento de crise, a volatilidade dos ativos aumenta drasticamente, muito porque os investidores perdem a referência de preço destes ativos, negociando-os a qualquer valor, pois, a informação qualitativa é precária no curto prazo. Logo, é natural observar uma forte recuperação após quedas bruscas, e foi o que aconteceu no mês de abril.

Como dito, a falta de informação no curto prazo só é normalizada no médio e longo prazos, em outras palavras, os investidores só irão descobrir as perdas reais no decorrer do tempo, e com isto, os ativos também serão precificados ao seu novo valor justo somente quando a informação qualitativa voltar ao mercado, até lá, a gangorra no preço dos ativos continuará a qualquer burburinho que aparecer.

No Brasil, as medidas econômicas anunciadas pelo Governo e os estímulos monetários lançados pelo nosso Banco Central contribuíram para reduzir a volatilidade e acalmar os investidores, por outro lado, a crise institucional no Governo reduziu o efeito desta recuperação, a rentabilidade em abril poderia ter sido melhor.

No decorrer do último mês, observamos também novas informações acerca dos prejuízos causados pela quarentena ao redor do mundo, como é o caso do crescimento da americana, que recuou 4,8% no primeiro trimestre de 2020, a expectativa antes do coronavírus era de crescimento de 2,2%. Na China, o PIB também despencou, caindo 6,8% no primeiro trimestre, e a expectativa era de crescimento de 6,0% antes da crise. Na Europa, a queda no primeiro trimestre foi de 3,8%, o pior resultado desde a Segunda Guerra Mundial, enfatizando a gravidade desta crise.

No caso brasileiro, o PIB oficial ainda não foi divulgado, todavia, o mercado já precifica queda de 3,76% neste ano, e como dito antes, este número tende a mudar, para melhor ou para pior, conforme as informações mais claras voltem a aparecer.

Diferentemente das outras crises mundiais, atualmente os governos e bancos centrais já sabem exatamente o que precisa ser feito, injeção de dinheiro na economia e flexibilização monetária. A velocidade que estes estímulos entraram na economia pode mitigar os efeitos catastróficos observados até aqui. Se compararmos com a crise mundial mais recente, a de 2008, o tamanho dos estímulos atuais são mais que o dobro do observado lá atrás, e isto pode fazer uma enorme diferença.

Todavia, obviamente, estes enormes estímulos serão pagos no futuro, e isto tem um custo, o crescimento econômico pós crise poderá ser mais tímido, dado o tamanho da dívida contratada.

Entrando no resultado dos principais ativos, em abril de 2020, os títulos públicos indexados à inflação (IMA-B) rentabilizaram 1,31% e os títulos públicos pré-fixados (IRF-M) rentabilizaram 1,15%. O ativo livre de risco (CDI) rentabilizou 0,28% no mês, e a tendência é que cada vez rentabilize menos, pois, o nosso Banco Central possivelmente irá cortar a taxa básica de juros um pouco mais, o mercado já espera que a taxa SELIC encerre o ano em 2,75%, aproximadamente 0,23% ao mês. No mercado de crédito, aquele que reúne títulos privados de empresas e bancos, e que deveria apresentar baixíssima volatilidade, foi prejudicado mais uma vez pela falta de liquidez no mercado, afetando o preço de curto prazo destes ativos.

No mercado de ações, o principal índice acionário brasileiro que reúne as principais empresas listadas em bolsa, o Ibovespa, rentabilizou 10,25% no mês. No exterior o movimento foi parecido, o principal índice acionário americano, o S&P 500, rentabilizou 12,68% no mês, enquanto, o principal índice global, o MSCI World, rentabilizou 10,80%.

O mercado cambial continuou pressionado, o dólar ganhou força em relação ao real valorizando 4,39% no mês. Este é um movimento global natural, em momentos de crise, o fluxo de dinheiro migra para ativos considerados porto seguro, como é o caso dos títulos públicos americanos, e desta forma, desvaloriza as moedas de países emergentes contra o dólar.